

Na Índia, Modi voltou a vencer, mas "já não encanta tantas pessoas"

Tipo Meio:	Internet	Data Publicação:	06/06/2024
Meio:	Sábado Online	Autores:	Diogo Barreto

URL: <http://www.pt.cision.com/s/?l=d0e10e71>

A terceira vitória do nacionalista hindu é mais frágil do que as anteriores. Analista diz que Modi pode tentar mostrar-se mais moderado nos primeiros tempos, mas que será uma mudança temporária e que rapidamente voltará ao seu estilo autocrático.

Narendra Modi ganhou as eleições e vai liderar a Índia por mais cinco anos. Vai herdar (de si próprio) um país dividido, com um fosso cada vez maior entre ricos e pobres e uma taxa de desemprego bastante elevada. Mas o facto de não ter conseguido uma maioria absoluta como das duas vezes anteriores pode ser significado de um desencanto inicial da população indiana com o nacionalismo hindu de direita radical que Modi representa.

O Partido Bharatiya Janata (BJP) de Modi e os seus aliados conquistaram pelo menos 272 de um total de 543 assentos parlamentares, sendo que o partido nacionalista hindu de Modi conseguiu 240 mandatos, sendo ainda o maior partido indiano, com uma grande margem de para o principal partido da oposição, o Partido do Congresso, que conseguiu 88 mandatos. Mas a verdade é que o BJP consegue muito menos mandatos do que em 2018 quando conseguiu conquistar 303 lugares, mostrando um possível desgaste do primeiro-ministro que lidera o país asiático desde 2014.

Pela primeira vez, Modi terá de recorrer a aliados para governar, o que irá implicar fazer cedências aos outros partidos que compõem a Aliança Democrática Nacional. "Isto mostra que Modi começa a perder o seu apelo junto de alguma população indiana", afirma Amit Singh, investigador no Centro para o Estudo das Línguas e Sociedade Indianas e doutorando no Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra. "Mostra que Modi já não encanta tantas pessoas", afirma.

Amit Singh afirma que esta situação única de ter de recorrer a aliados pode levar Modi a "comprometer-se" temporariamente com novas medidas que beneficiem os mais pobres e "dê um pouco de espaço à sociedade civil para vir à tona e respirar", mas o académico não acredita que seja uma situação que vá durar.

Modi herda também uma situação social frágil já que, apesar de a economia continuar a atingir níveis máximos históricos, o mesmo acontece com o desemprego juvenil e a inflação o que aprofunda a desigualdade dentro da sociedade. E são exatamente esses os principais pontos que os analistas afirmam que serão a prioridade de Modi para este mandato. Amit Singh ressalva que a economia é o principal desafio de Modi. "Prometeu que iria tornar a Índia a terceira maior economia internacional e não o conseguiu fazer, apesar da economia ter crescido", explica o investigador, sublinhando que apesar dos resultados economicamente positivos, o fosso económico entre os mais pobres e mais ricos está cada vez maior. "Os pobres têm cada vez mais dificuldades económicas, enquanto o 1% dos mais ricos continua a enriquecer a uma velocidade enorme", analisa Singh.

"O desemprego é um desafio que nós aceitamos e vamos fazer tudo o que pode ser feito para o resolver", chegou a assumir o porta-voz do partido BJP (de Modi) Gopal Krishna Agarwal durante a campanha. A agência noticiosa Reuters cita dados que apontam para que a taxa de desemprego da Índia esteja nos 8,1% e o desemprego jovem (entre os 15 e os 29 anos) situa-se atualmente nos 17%.

No discurso de vitória, Modi comprometeu-se a cumprir a sua promessa eleitoral de transformar a economia da Índia, impulsionando a indústria da defesa, promovendo o emprego jovem e aumentando

as exportações. "Este país assistirá a um novo capítulo de grandes decisões. Esta é a garantia de Modi", afirmou o líder, referindo-se a si mesmo na terceira pessoa.

A oposição critica Modi pela sua política divisionista e intolerante, bem como pelo aprofundamento do fosso entre classes indianas. "Há mais violência contra mulheres, minorias raciais e religiosas desde que Modi subiu ao poder", refere o investigador do CES e autor do livro *The Conflict of Freedom of Expression and Religion , A Case Study from India* ("O Conflito entre Liberdade de Expressão e Religião - Um Caso de Estudo Indiano").

O partido de Modi tem acentuado o seu discurso anti-muçulmano num país que conta com 14% da população a identificar-se com o Islão. O aprofundar do fosso entre hindus e muçulmanos é um dos legados da sua década frente aos destinos da Índia, com o crescimento do nacionalismo hindu, uma ideologia que tinha uma representação muito residual no início do século, defende Singh na sua tese de doutoramento *An Approach to Hindutva in India* ("Um Estudo sobre o Nacionalismo Hindu na Índia").

Índia, uma autocracia com culto do líder

"A vitória de hoje é a vitória da maior democracia do mundo", declarou Modi quando foi anunciada a vitória da coligação Aliança Democrática Nacional. Mais de 640 milhões de votos foram depositados nas urnas durante a maratona eleitoral realizada num período de seis semanas, naquele que foi descrito como o maior exercício democrático do mundo. Amit Singh nega categoricamente que a Índia seja ainda uma democracia.

"A forma de governo de Modi é mais parecida com uma ditadura ou uma autocracia do que com uma democracia", refere o investigador, afirmando que o próprio projeta uma imagem semi-divina de si mesmo, numa atitude de culto do líder semelhante à utilizada pelos principais ditadores do século XX.

Os níveis de democracia na Índia têm sido constantemente revistos em baixa nos últimos anos pelas instituições internacionais, baseando-se na forma como o estado pressiona e esmaga os meios de comunicação social e silencia a oposição, incluindo partidos. "O Freedom Index revela que os jornalistas e académicos indianos são dos menos livres do mundo", sublinha Singh.

O V-Dem Institute, um instituto que analisa as características de diferentes governos, classificou a Índia como uma das "piores autocracias da atualidade", lembra Singh, referindo que esta é a análise da esmagadora de maioria das organizações internacionais que analisam a situação da Índia.

Singh refere ainda que a comunidade internacional permite a situação social e política da Índia porque precisa de manter relações económicas com este país gigante - "e isso inclui o Governo português". "Os países ocidentais estão mais interessados na sua economia do que em defender a democracia. É por isso que ignoram o crony capitalism [ou seja, capitalismo que prospera a partir das relações entre classe política e empresários] que domina a Índia", denuncia o investigador.

Diogo Barreto

06 de junho